

Mauro Henrique Miranda de Alcântara

**RESUMO:** O gênero biográfico vem sendo objeto de discussões acalorada entre os historiadores. O seu sucesso editorial nas últimas décadas, forçou a academia apresentar posicionamentos sobre essa forma narrativa. Pela quantidade de textos que o retratam, podemos dizer que já possuímos parâmetros interessantes sobre o gênero. No entanto, apesar de estar presente nas estantes das livrarias, nas pesquisas e nas publicações acadêmicas, ainda não temos discussões sobre as biografias no ensino de história. Mesmo os Parâmetros Curriculares Nacionais sugerindo “inovações” e incentivando uma aproximação entre as pesquisas acadêmicas e o ensino na sala de aula (MONTEIRO; MENDEZ, 2012), ainda não temos, no Brasil, um posicionamento em relação a importância, ou até mesmo, a utilidade da narrativa biográfica no ensino de História. Diante deste cenário, buscamos no último ano, realizar pesquisas, leituras, questionamentos, questionários e avaliações junto aos alunos e alunas de uma turma de terceiro ano de nível médio, quanto a viabilidade da adoção de obras biográficas como instrumento didático de História. Pela sua característica estética, ou seja, uma leitura mais “agradável”, partimos da hipótese que a leitura de biografias, escrita através de uma “operação historiográfica” (CERTEAU, 2010), poderia favorecer e facilitar a formação de uma consciência histórica (RÜSEN, 2010) junto aos discentes, pois ao visualizar como um sujeito histórico lida com as estruturas do seu tempo, e ao mesmo tempo que tais estruturas o modela e é modelada pelo sujeito histórico (LE GOFF, 1999), os alunos e alunas se interessariam mais e melhor se situariam no tempo, e compreenderiam o quão são esses sujeitos históricos. Selecionamos a biografia escrita pelo historiador José Murilo de Carvalho, *D. Pedro II: ser ou não ser* (2007), para que voluntários da turma realizassem a leitura. O motivo da escolha é já possuímos leituras/pesquisas sobre o personagem e por ter sido um personagem que François Dosse (2009) descreveria como “enigma biográfico”, por sua vida ser constantemente revisitada por essa forma narrativa. Fora isso, ele é um elo importante para compreender as políticas imperiais do Segundo Reinado, tema tão caro aos estudantes de nível médio. Ao final das atividades, percebemos que a biografia é uma possibilidade interessante. Esteticamente uma leitura agradável, consegue explicitar a relação indivíduo-sociedade, no entanto, a sua dimensão e extensão gerou problemas junto a classe estudantil. Nitidamente, ainda é um caminho um tanto quanto confuso, mas que apresenta saídas importantes para uma maior, ou, melhor aprendizagem histórica, apresentando para os discentes algo mais “real” entre os sujeitos, os fatos, os contextos e os processos históricos.

## INTRODUÇÃO

Após longo tempo desacreditado por historiadores profissionais, o gênero biográfico foi readmitido como uma importante forma de se narrar a história, juntamente com a história política, na década de 60 (MONTEIRO; MÉNDEZ, 2012). E nas últimas décadas, o que se assisti em relação a esse gênero, é de uma profusão de publicações de biografias dos mais diferentes personagens, a criação da chamada “autobiografia” e um ascendente sucesso



editorial, chegando até mesmo, entre várias importantes editoras no mundo, a criação de seção e/ou coleção especificamente biográfica (DOSSE, 2009).

Verifica-se, portanto, a ascensão da biografia como narrativa histórica. Mas esse sucesso não vem refletindo no ensino de história. Apesar de ser uma das principais “competências do professor de história, construir mediações entre o conhecimento acadêmico e escolar” (MONTEIRO; MÉNDEZ, 2012: 84), não se verifica que as mudanças efetuadas na academia, chegam à sala de aula<sup>1</sup>.

No entanto, como argumenta François Dosse, “A biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias” (DOSSE, 2009, p. 11). A expressão criada por esse historiador francês para explicar o enigma deste gênero, o desafio biográfico, pode ser um indicativo do sucesso editorial deste gênero. Diante disso, por que não adotar obras biográficas no ensino de história?

Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) de História, segundo Monteiro e Méndez (2012: 85), “apontam uma relevância de uma práxis educacional que seja inovadora, que busque aproximar-se de tendências teóricas capazes de refletir sobre a pluralidade da produção historiográfica”. Pelo que foi argumentado até o prezado momento e o exposto pelos PCN’s, as obras biográficas poderiam serem utilizadas para o ensino de história, buscando maior interesse dos estudantes como compreender a relação indivíduo-sociedade.

Diante disso, este trabalho buscou verificar como os estudantes de uma turma de terceiro ano, do Instituto Federal de Rondônia, *Campus Colorado do oeste*, compreendem o gênero biográfico. Através de questionários (de diagnóstico e prognóstico) e a aplicação de uma avaliação escrita, buscou-se analisar como esse público compreende a importância das biografias, como eles visualizam-na como uma forma narrativa da História, quais os principais interesses deles em relação a “história de uma vida”, bem como, quais os interesses, desinteresses e dificuldades dos mesmos em relação a essa leitura.

Voluntários da 3ª série C, realizaram a leitura da biografia do Imperador D. Pedro II, escrita por José Murilo de Carvalho. A justificativa para a utilização desta biografia sobre o Imperador do Brasil no Segundo Reinado é devido a grande quantidade de obras publicadas

---

<sup>1</sup> No entanto, como ressalta Pereira e Seffner, não se pode pretender que a escola seja o reflexo da academia, pois: “O que se ensina na escola não é o mesmo que se ensina na academia, e nem poderia ser. Isso se explica por duas ordens de fatores: os processos de mediação didática que buscam construir o conhecimento escolar, a partir de várias fontes, sendo uma delas o conhecimento produzido pela pesquisa histórica; e os interesses, circunstâncias socioculturais específicas e o contexto político específicos daqueles que são os receptores da história ensinada na escola, alunos e comunidade de pais e professores” (PEREIRA e SEFFNER, 2008, p. 118).



sobre a vida do monarca ao longo dos últimos séculos. Foram mapeadas até o prezado momento, mais de quarenta biografias sobre o monarca. Ele exemplifica o que o François Dosse (2009) chamou de “enigma biográfico” devido a tal quantidade de publicações.

Outro fator que justifica a adoção da biografia sobre Pedro II para verificar a importância do gênero biográfico no Ensino Médio, é a durabilidade do seu reinado. Ele assumiu o poder em 1840 e foi destronado com o advento da República, somente em 1889, portanto quarenta e nove anos no poder. Como diz Roderick Barman (2012, p. 7), um dos seus biógrafos, “quando D. Pedro II começou a governar, seus feitos e sua influência duradoura foram de insuperável importância”. Esse longo tempo, faz com que se confunda à História do Brasil do Segundo Reinado com a própria história do próprio Imperador.

A dificuldade dos estudantes em compreender a existência de uma família real no Brasil, e até mesmo, da existência durante praticamente um século de um regime monárquico, e todas as suas estruturas políticas, poderá (acredita-se) ser mais bem visualizada em biografias do Imperador, demonstrando como ele se relacionava com o poder e como ele é fruto do seu tempo histórico, tanto quanto o influenciou.

Acreditamos que a biografia apresenta-se diante deste cenário, como um lugar para verificar aquilo que, nos baseando nos pressupostos sociológicos de Durkheim, nomeamos de relação de interdependência entre indivíduo-sociedade (ALCANTARA, 2014), ou seja, tanto a sociedade constrói o sujeito, quanto ela é construída por ele. Utilizando-se das palavras de Le Goff: o sujeito histórico “constrói-se a si próprio e constrói sua época, tanto quanto é construído por ela” (1999, p. 23-24). Essa relação leva a uma possibilidade, consciente, de o sujeito utilizar e manipular as estruturas, para realizar desejos, vontades, mesmo que limitadamente:

Na verdade nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou de interpretação das regras, de negociação. A meu ver a biografia é por isso mesmo o campo ideal para verificar o caráter intersticial – e todavia importante – da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições (LEVI, 2006, p. 180).

Ao visualizarmos a trajetória de um indivíduo, demarcado historicamente, é possível verificar a práxis deste em relação às estruturas que o cerca em seu período, assim como, as brechas permitidas por ela, e as mobilidades do sujeito entre as diversas estruturas: econômicas, sociais, culturais, políticas...

Através da escrita biográfica podemos apresentar com maior inteligibilidade a prática real de um determinado sujeito e/ou/no tempo histórico. Utilizando das palavras de Levillain,



a “biografia é o lugar da excelência da pintura da condição humana em sua diversidade” (2003, p. 176), e como ela vem sendo trabalhada, pesquisada e publicada, apresenta-nos uma possibilidade de leitura histórica, que outras narrativas não conseguem atingir.

Apesar da importância do gênero biográfico na contemporaneidade e a necessidade de buscarmos um “espaço” para que o mesmo seja inserido no ensino de história, como fazê-lo? Buscamos nos amparar nos estudos de Jörn Rüsen para encontrar uma saída.

O historiador alemão apresenta em seus textos, uma constante preocupação com a apropriação do conhecimento histórico produzido na academia, pelos alunos e alunas. Segundo ele, o saber histórico como é apresentado a esse público, é verificado apenas como “massa de informações a serem decoradas e repetidas para satisfazer os professores com o mero objetivo de tirar boas notas” (RÜSEN, 2010, p. 30). Diante deste cenário, “perde qualquer valor relativo no modo como as crianças e os jovens pensam seu tempo, sua vida e seu mundo” (RÜSEN, 2010, p. 30).

Ele apresenta a necessidade do saber histórico se aproximar da prática real desse público, como “meio de sua orientação existencial, de diferentes maneiras” (RÜSEN, 2010, p. 32). Para obter a capacidade de utilizar o conhecimento (ou saber) histórico para uma orientação existencial, os estudantes precisam ter uma consciência histórica:

A consciência histórica é constituição de sentido sobre a experiência do tempo, no modo de uma memória que vai além dos limites de sua vida prática. A capacidade de constituir sentido necessita ser aprendida, e o é no próprio processo dessa constituição de sentido (RÜSEN, 2010, p. 104).

Como pode ser visualizado, para chegar a essa consciência histórica, obtendo uma constituição de sentido em relação às diferentes temporalidades e em qual ele se situa, ou seja, para o aluno ou aluna conseguirem se situar no tempo, eles precisam aprender o significado dessa consciência histórica, que para Rüsen é verificar em um duplo movimento:

O aprendizado histórico caracteriza-se, pois, como um movimento duplo: algo objetivo torna-se subjetivo, um conteúdo da experiência de ocorrências temporais é apropriado; simultaneamente, um sujeito confronta-se com essa experiência, que se objetiva nele (RÜSEN, 2010, p. 106).

Os estudantes precisam compreender, objetivamente, o saber histórico, para a partir disso, conferir inteligibilidade para si, e ao mesmo tempo, obter consciência e significado em relação ao tempo e si. Diante disso, o discente obterá o que Rüsen denominou de formação histórica:



A formação histórica é, antes, a capacidade de uma determinada constituição narrativa de sentido. Sua qualidade específica consiste em (re)elaborar continuamente, e sempre de novo, as experiências correntes que a vida prática faz do passar do tempo, elevando-as ao nível cognitivo da ciência da história, e inserindo-as continuamente, e sempre de novo (ou seja: produtivamente), na orientação histórica dessa mesma vida (RÜSEN, 2010, p. 104).

O que permitirá a capacidade dos sujeitos em se situar no tempo e compreender o saber histórico é a constituição narrativa de sentido. Portanto, para o alemão, à narrativa historiográfica é de suma importância para que os estudantes possam obter a consciência histórica. Eis aqui que retornamos ao nosso objeto de estudo: as biografias.

Rüsen acredita que a didática da história é responsável por poder transformar esse conhecimento produzido academicamente, em uma narrativa que possa ser apropriada e visualizada como uma prática real, por parte dos estudantes:

Os didáticos seriam transportadores, tradutores, encarregados de fornecer ao cliente ou à cliente – comumente chamado de “aluno” ou “aluna” – os produtos científicos (RÜSEN, 2010, p. 89).

Para se conseguir chegar à obtenção da “consciência histórica”, necessário se faz percorrer uma “formação histórica”, e ela será mais tranquilamente completada, caso haja uma forma narrativa que favoreça a compreensão, por parte do/da “cliente” uma percepção de como a história tem um fim de orientação existencial. Essa é a função da didática:

A didática da história leva sistematicamente em conta, em suas autonomias e independência disciplinares relativas, as diferenças entre o trabalho cognitivo da ciência da história e a atividade do aprendizado de história na sala de aula (RÜSEN, 2010, p. 90).

Uma narrativa didática da história deve apresentar uma característica estética da historiografia que transforme esse conhecimento científico, em algo mais “agradável” para o público, facilitando que o processo citado a pouco, possa ser efetivado com êxito. Portanto, há certa função estética no conhecimento histórico, para que ele possa ser apropriado pelo público em geral, e transformar tal saber em algo real:

Os historiadores partilham quase naturalmente a tese de que a estética, no âmbito do pensamento histórico, só tem uma função legítima: a de “transpor” ou “intermediar” conteúdos cognitivos para formas esteticamente agradáveis. Com isso, a estética é tornada uma didática a priori, desprovida de seu peso próprio na cultura histórica (RÜSEN, 2010, p. 129).

Neste ponto a narrativa biográfica consegue apresentar uma importância inegável para o ensino de história. Há um tradicional interesse do público pela a “história de uma vida”, o



que leva o gênero biográfico a um sucesso editorial, um tanto quanto mais complicado para as narrativas historiográficas em geral. Essa curiosidade ajuda não somente nas vendas, mas em uma apropriação do conhecimento histórico possível de ser “transposto” por meio das biografias.

Fora isso, as biografias possuem essa forma “esteticamente agradável”, como dito por Rüsen. A articulação da curiosidade humana em saber da vida do outro, com a estética (mais) agradável do gênero biográfico, facilitaria a introdução dessas obras no ensino de história.

Acreditamos, que para trilhar o caminho explicado por Rüsen, e para o saber histórico trazer e fazer um sentido real, não sendo uma mera massa de informação decorativa, a biografia por suas características possa ser um instrumento importante e interessante para a sala de aula. Buscamos, então, verificar como se dá na prática, a “importância” e/ou a narrativa biográfica como uma narrativa esteticamente mais agradável, no conceito e opinião dos estudantes.

## **O “D. PEDRO II” DE JOSÉ MURILO DE CARVALHO**

Nesta biografia sobre o Imperador, o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e um dos mais importantes estudiosos sobre o Brasil Império, deixa claro desde o início, como ele irá construir o seu personagem:

D. Pedro foi um Habsburgo perdido nos trópicos. Um homem de 1,90 m, louro, de penetrantes olhos azuis, barba espessa, prematuramente embranquecida, num país de pequena elite branca cercada de um mar de negros e mestiços. Órfão de mãe logo depois de completar um ano de idade, de pai, aos nove, virou órfão da nação. Dela recebeu, via tutores e mestres, uma educação rígida, propositalmente distinta da do pai. Seus educadores procuraram fazer dele um chefe de Estado perfeito, sem paixões, escravo das leis e do dever, quase uma máquina de governar. Passou a vida tentando ajustar-se a esse modelo de servidor público exemplar, exercendo com zelo um poder que o destino lhe pusera nas mãos. (...) Esse foi d. Pedro II, imperador do Brasil. Mas, detrás dessa máscara, reforçada pelos rituais da monarquia, havia um ser humano marcado por tragédia domésticas, cheio de contradições, paixões, amante das ciências e das letras, apaixonado pela condessa de Barral (CARVALHO, 2007, p. 9-10).

O Imperador foi para o historiador, preparado para governar, ou como ele apresenta, com um texto carregado semanticamente, “escravo das leis e do dever, quase uma máquina de governar” (CARVALHO, 2007, p. 9). Entretanto, convivia juntamente desse ser “imperiosamente burocrático” um romântico e apaixonado pelas artes e pelas ciências, Pedro



de Alcântara. O subtítulo da obra entrega a modelagem que o historiador faz de seu biografado: “D. Pedro II: ser ou não ser”.

Trata-se essa biografia, de um texto riquíssimo dentro de um ponto de vista historiográfico, pois ao narrar a trajetória da vida do monarca, Carvalho perpassa pelas estruturas sociais, econômicas, culturais e políticas do Brasil Imperial, e o faz apresentando o conflito da vida do personagem político mais importante da instituição monárquica brasileira. Em certo sentido, O D. Pedro II de Carvalho é uma espécie de drama shakespeariano (ALCÂNTARA, 2014).

Entretanto, a forma da narrativa desta biografia, apresenta nitidamente a importância do papel político na História do Brasil Imperial, e os principais fatos/acontecimentos, e sempre sendo contrastado com as estruturas mencionadas, desse período histórico.

Obviamente pelo aspecto ficcional da obra, em vários momentos apresenta-se um personagem histórico exemplar, aos moldes da biografia exemplar mencionada por Giovanni Levi (2006).

Mas a capacidade de dotar a narrativa biográfica de uma inteligibilidade do passado, está bem claro nesta obra de José Murilo de Carvalho. Vejamos como o público discente conseguiu relacionar a biografia e a história e o indivíduo-sociedade em suas leituras.

## **DIAGNÓSTICO: A PERCEPÇÃO DO GÊNERO BIOGRÁFICO PELOS ESTUDANTES**

Aplicamos o questionário diagnóstico junto aos alunos(as) da 3ª série, Turma C, do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal de Rondônia, Campus Colorado do Oeste em julho de 2014. No dia da aplicação, haviam 21 discentes presentes.

O questionário elaborado e aplicado possuía diversos questionamentos, tanto em relação a História, quanto ao gênero biográfico. Buscamos nele verificar a percepção dos discentes em relação a essa área do conhecimento como um todo e não somente sobre a percepção em relação à biografia. Esse instrumento foi válido, também, para levantarmos as problemáticas que os estudantes apontam em relação ao ensino de História. Para sermos mais objetivos descreveremos aqui apenas as questões referentes ao objetivo do trabalho: identificar a percepção dos estudantes em relação ao gênero biográfico.

Quando questionados se sabiam o que era uma “biografia”, 19 deles responderam que “sim” e 2 “não”. Arguidos se já haviam realizados leituras do gênero, 12 responderam que



“sim” e 9 que “não”. Aqueles que responderam que já haviam realizado leituras, pedimos para fazer um breve relato da biografia que leram. Nenhum deles conseguiram fazer tal relato, geralmente respondia que tratava-se da história de alguém que já morreu ou que não se lembravam da narrativa.

Foram questionados se verificavam uma relação entre Biografia e a História: 7 responderam que “não” e 14 que “sim”. Pedimos aqueles que acreditam haver relação entre o gênero biográfico e a História, que explicasse o porquê. 10 dos 14 que acreditam na existência dessa relação, relataram que acreditam pois ambas apresentam o passado ou fatos históricos; Uma das respostas justifica a relação descrevendo que “ambas tratam sobre a vida de pessoas, que de um certo modo foram importantes”; Outra resposta justifica que a biografia permite “conhecer fatos que as histórias dos livros não trazem”; a 13ª resposta descreve que “a história é uma biografia da sociedade”; e por fim, a última resposta apresenta o argumento que a “biografia de uma pessoa pode mostrar o ponto de vista dela em relação aos assuntos do passado”.

Perguntamos a eles se gostariam de realizar leituras de biografias: 11 deles responderam que “não”, 9 afirmaram que gostariam e mesmo não tendo a opção, 1 disse que dependeria de qual biografia. Pedimos que explicassem o porquê gostariam ou não de ler biografias. 4 dos que disseram que não leriam biografias, argumentaram que o motivo seria a extensão das obras; 1 que elas “fugiam do foco”; 1 diz preferir conteúdos que trazem emoção; 1 diz não se interessar por tal leitura; 2 preferem a história geral ou o contexto histórico dos biografados; 1 não respondeu; 1 disse ser “chata”. Entre os que disseram que gostariam de realizar tais leituras: 3 explicaram que o que os motivariam seria pela “curiosidade”, achar “interessante” ou por “não conhecer” o gênero; 1 argumentou que a biografia poderia ser de uma pessoa exemplar e que tal poderia ser seguido(a); 1 para “ver o que aconteceu naquela época”; 1 argumentou que “depende”; 3 argumentaram que gostariam de adquirir “novos conhecimentos”. O que argumentou depender, se lia ou não uma biografia, explicou o motivo: Disse que “tem biografias legais e chatas”, por isso dependeria de qual, para saber se faria a leitura ou não.

Percebemos que apesar desse público alegar saber o que é uma biografia (19 de 21 disseram saber), boa parte (9) nunca realizou leituras de tal gênero e entre os que leram praticamente todos não souberam fazer uma breve descrição da obra que leram. Somado essas respostas a falta de interesse de parte desse público em realizar leituras biográficas, por achar esteticamente desagradável (“chata”) ou obras muito extensas, encontramos o primeiro





problema em relação a hipótese central desse trabalho: ser a narrativa biográfica mais interessante que outras narrativas, o que poderia favorecer a uma maior formação e consciência histórica. Vejamos na análise dos questionários prognósticos, como os discentes que realizaram leituras da biografia de D. Pedro II, se há mudanças em relação a visão desse público em relação ao gênero.

## **PROGNÓSTICO: O SUJEITO E A HISTÓRIA ATRAVÉS DA BIOGRAFIA NA VISÃO DOS ESTUDANTES**

Um questionário prognóstico foi aplicado junto aos discentes que realizaram a leitura da biografia de D. Pedro II, escrita por José Murilo de Carvalho. Ele foi aplicado no mês de dezembro, na mesma turma que fora aplicado o questionário diagnóstico. Apenas oito alunos foram voluntários para realizarem tal leitura e somente com eles foram aplicados os questionários prognósticos.

Quando questionamos se a leitura da biografia sobre o Imperador, de José Murilo de Carvalho havia agradado aos leitores, 4 deles responderam que “sim” e quatro responderam que “não”. Pedimos, então, para que justificassem a resposta. Dos 4 que afirmaram terem gostado de realizar a leitura da biografia, 2 argumentaram que o estilo narrativo foi o que mais agradou. 1 disse achar “interessante fatos sobre a personalidade de cada personagem”; 1 disse que “trouxo conhecimento que não conhecia”. Dos 4 que afirmaram não ter gostado da biografia, 3 argumentaram que a extensão e falta de conhecimento histórico dificultaram a leitura. 1 argumentou que apesar do conteúdo ser “bom” era ao “mesmo tempo cansativo”.

Perguntamos se a partir da leitura conseguiram verificar a relação entre o gênero biográfico e a História: 7 deles responderam que “sim” e 1 que “não”. Ao justificarem o porquê compreendiam (ou não) essa relação: 4 justificaram sua resposta argumentando que era possível encontrar relatos/fatos históricos na obra e também a forma como era narrada: cronologicamente. 1 disse que a obra citava fatos históricos, mas “não profundamente”. 2 alegaram que a biografia narra história de forma diferente. O único que justificou não compreender a relação entre história e biografia, argumentou que “é difícil compreender o que estava se passando”.

Indagamos se eles conseguiram aprender mais e melhor sobre o Império do Brasil, especificadamente o Segundo Reinado, ao lerem a biografia de D. Pedro II: 2 deles disseram que “sim”, no entanto, 6 alegaram que “não”. Pedimos para aqueles que responderam “sim”



nessa questão, que apresentassem os motivos. As duas respostas foram vagas: um disse ter lido “coisas que muitas vezes não são passadas em sala” e um apenas justificou que a biografia não substituiria o livro, pois faltaria nela muitas “informações importantes”.

A próxima pergunta foi sobre a relação do gênero biográfico com a História e a Literatura. Um deles respondeu não haver, a biografia, nenhuma relação ou aproximação com a História e a Literatura. 2 disseram que a biografia está próxima da História. 3 disseram que a biografia estava próxima da ambos. E 2 responderam que ela está mais para um gênero literário. Pedimos para aqueles que acreditavam que a biografia estivesse relacionada (mais) à Literatura, que explicasse os motivos: 1 não justificou e 1 relatou que assemelha-se a literatura porque conta a história da vida de D. Pedro II.

Questionamos se eles gostariam de realizar novas leituras biográficas: 5 responderam que “sim” e 3 que “não”. Perguntamos, depois, se acreditavam que a leitura de biografias ajudaria/auxiliaria em uma melhor aprendizagem dos conteúdos de história: 4 responderam que “sim” e 4 disseram “não”. Aqueles que responderam que “sim” sobre a possibilidade da biografia ajudar na aprendizagem histórica, pedimos que elencassem os motivos e interesses. Diversos argumentos puderam ser verificados: Um dos questionados descreveu que a biografia “fala da história de uma forma descontraída e gostosa de ler”. Um disse que iria “ter um breve conhecimento sobre os assuntos”. Outro apresentou a justificativa de que seria possível relacionar a biografia ao conhecimento histórico do Segundo Reinado, e por fim o último argumenta que a biografia poderia “auxiliar” na compreensão do “principal desencadeador do processo”.

Ao final do questionário, pedimos que eles tecessem comentário sobre a experiência de ler a biografia de D. Pedro II. A maior parte dos comentários descreveram ter sido uma leitura prazerosa e interessante. No entanto, a maior parte deles também argumentaram da inviabilidade de adoção da biografia no ensino de história (pelo seu tamanho e forma narrativa, em que nada se parece com a “História”) e também por não conseguirem compreender o contexto histórico a partir dela. Inclusive citaram que “seria interessante estudar a biografia com outros conteúdos”. Ou seja, não realizar tal atividade paralelamente, mas sim, em confluência com as temáticas estudadas/abordadas junto ao ensino de história.

Fazendo um balanço dos questionários prognósticos, os leitores apresentaram respostas que ao mesmo tempo contrapõe parte das respostas do diagnóstico, como reforça outros. Se a questão estética é exaltada e ressaltada pelos discentes que realizaram a leitura da biografia de D. Pedro II, sua extensão continua sendo um problema. Bem como já dizia

François Dosse, que seria o gênero biográfico um híbrido de história e literatura, a resposta sobre esse ponto por parte dos alunos(as) ratifica esse quadro. O mais interessante é que 50% deles gostariam de realizarem novas leituras do gênero e 50% não. O fator, provavelmente, mais agravante verificado nessas respostas, seja o de que eles não conseguiram conceber que obtiveram maior capacidade de compreender o contexto histórico no qual vivia o personagem principal da biografia lida. A avaliação que eles fizeram poderá ratificar ou não esse quadro. Mas de qualquer modo, a forma como foi conduzida a leitura da biografia, apresentou-se equivocada, pois foi realizada paralelamente ao conteúdo programático estudado por eles, e não como um instrumento para melhor elucidar o que eles estavam estudando. Diante disso, a reclamação por não compreenderem bem o que se passava no ambiente histórico de D. Pedro II, nos remete a uma incapacidade de se situarem historicamente, e dessa forma, a capacidade de obterem uma consciência histórica fica extremamente fragilizada.

### **ANALISANDO O PADRÃO DE RESPOSTAS DA AVALIAÇÃO ESCRITA: EM BUSCA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscando sintetizar e verificar na “prática” o quão foi positiva (ou negativa) a experiência da leitura da biografia que propusemos, aplicamos junto a todos os 21 discentes da turma uma avaliação sobre o Segundo Reinado. As questões não foram focadas na atuação política do Imperador, e sim em análises conjunturais e estruturas dos fatos/processos históricos do Brasil do século XIX, na qual ele esteve diretamente envolvido, principalmente nos fatores políticos do período.

A avaliação contou com 5 questões, sendo todas objetivas. A primeira questão tocou no assunto da antecipação da Maioridade do Imperador. A segunda relacionou um trecho do conto “Bons dias!” do Machado de Assis com a questão da abolição da escravidão. A terceira foi sobre o processo e a cronologia da mesma questão da anterior: a abolição da escravidão. As duas últimas retrataram sobre a política no Segundo Reinado.

O resultado pode ser verificado na tabela a seguir:

QUESTÃO	GERAL	
	ACERTOS	ERROS
1	14	7
2	13	8
3	18	3
4	1	20
5	6	15



TOTAL	52	53
PORCENTAGEM	49,52%	50,48%

Quadro 1 – Resultado Geral das Provas

LEITORES DA BIOGRAFIA – QUANTIDADE – 8		
QUESTÃO	ACERTOS	ERROS
1	5	3
2	8	0
3	7	1
4	1	7
5	4	4
TOTAL	25	15
PORCENTAGEM	62,50	37,50

Quadro 2 – Resultado das provas dos leitores da biografia de D. Pedro II

NÃO LEITORES DA BIOGRAFIA – 13		
QUESTÃO	ACERTOS	ERROS
1	9	4
2	5	8
3	11	2
4	0	13
5	2	11
TOTAL	27	38
PORCENTAGEM	41,53%	58,47%

Quadro 3 – Resultado dos discentes que não realizaram a leitura.

Ao visualizarmos “friamente” os quadros acima, com o padrão de respostas dos discentes, na avaliação sobre o Segundo Reinado, imediatamente poderíamos chegar a conclusão de que, claramente os alunos(as) que realizaram a leitura da biografia do Imperador desse período, sobressaíram aos demais e que, seria a biografia um instrumento de ensino que “aumentaria o conhecimento” de História dos discentes.

No entanto, é possível verificar pelo referencial teórico utilizado neste trabalho, que a nossa intenção não é um ganho “quantitativo” do conhecimento de História (não, ao menos, a esse conhecimento decorativo, como descreve Rüsen) e sim a possibilidade através de outras formas narrativas da história, levar a uma maior consciência histórica dos sujeitos que são, obviamente, históricos.

Diante disso, precisamos fazer algumas ressalvas: primeiramente, o grupo de alunos e alunas que realizaram a leitura da biografia, foi escolhido voluntariamente. Automaticamente, poderíamos facilmente chegar à conclusão que tal grupo é composto majoritariamente por pessoas que possuem afinidades com leitura de vários gêneros. A prova foi composta apenas de questões objetivas, portanto, estudantes com uma capacidade de leitura e interpretação, advindas, principalmente da cultura de leituras, sobressairiam aos demais, logicamente. Este cenário não nos permite pensar que foi, especificadamente, a leitura da biografia de D. Pedro





II que fizeram o grupo sobressair aos demais, até porque a diferença, tomando como parâmetro a média, não foi tão distante.

O ponto positivo da avaliação, foi justamente saber que, a leitura (seja ela biográfica ou não) pode ser um ponto interessante para levar a um conhecimento histórico (mesmo que seja ele inicialmente “quantitativo”) e principalmente, que poderá ela ser um dos principais pontos para conseguirmos, diante do ensino de história, desenvolver metodologias e instrumentos que facilitarão a formação de uma consciência histórica junto aos discentes.

Nitidamente, a biografia pode ser um caminho interessante, como visualizamos nos questionários. Primeiro pois a adoção de obras biográficas no ensino de história seria uma leitura complementar, trazendo abordagens diferenciadas ao que costumeiramente trazem os livros didáticos. Segundo, pois tal leitura propiciaria compreender como os /sujeitos históricos se relacionam com as estruturas do seu tempo, e até que ponto são os responsáveis por “estrutura-las” e por elas ele é “estruturado”. Em terceiro, há leituras biográficas fora dos textos: há diversos filmes de cunhos biográficos, que poderiam ser mais bem utilizados, se contextualizados e principalmente, se realizado debates junto a classe, para verificar a relação entre os sujeitos e as estruturas e não somente diante de uma figura de exemplaridade, como costumeiramente a indústria cinematográfica representa.

Obviamente que vários problemas foram encontrados. A extensão das obras biográficas é um grave problema. Na era da “efemeridade”, nossa sociedade busca leituras que sejam esteticamente agradáveis, contemporâneas e curtas. Pensando especificadamente na sociedade brasileira, cujo o índice de leitura é relativamente baixo, adotar várias obras biográficas no ensino de história de nível médio, não é uma estratégia que obterá sucesso. Fora isso, a maior parte das biografias publicadas no Brasil, são feitas para um público que consome leituras literárias e não para um público estudantil. A melhor estratégia, em relação a essas questões, seria um planejamento prévio do professor(a) e retirar fragmentos de biografias tanto de personagens politicamente ou culturalmente evidentes do seu tempo histórico, como de sujeitos que sempre estiveram à margem da sociedade para exemplificar essa relação de interdependência entre indivíduo-sociedade.

Esse trabalho é ainda algo muito principiante. Precisa de uma amostragem maior, novas experimentações e principalmente, maior diálogo entre a teoria e a prática. No entanto, de uma forma um tanto quanto tortuosa, mas a biografia apresentou-se para o cenário do ensino de história, como uma potencial ferramenta para se construir a formação da consciência histórica dos alunos e alunas.



## REFERÊNCIAS

ALCANTARA, M. H. M. **D. Pedro II e a Emancipação dos Escravos**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

BARMAN, R. J. **Imperador Cidadão**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CARVALHO, J. M. **D. Pedro II**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CERTEAU, M. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. P. 45.

DOSSE, F. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

LE GOFF, J. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LEVI, G. "Usos da biografia". In: FERREIRA, M. M; AMADO, J. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LEVILLAIN, P. "Os protagonistas: da biografia". In: RÉMOND, R. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2003.

MONTEIRO, K. M. N.; MÉNDEZ, N. P. Gênero, biografia e ensino de história. Porto Alegre: **Aedos**, n. 11, vol. 4, pp. 84-97, Set. 2012.

RÜSEN, J. **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2010.